

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FRANCIELE CARVALHO DA SILVA

Dançando entre desafios e estratégias pedagógicas: os investimentos de professoras de Educação Física ao tematizarem a dança nas escolas.

Porto Alegre

2023

FRANCIELE CARVALHO DA SILVA

Dançando entre desafios e estratégias pedagógicas: os investimentos de professoras de Educação Física ao tematizarem a dança nas escolas.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Santos Silva

Porto Alegre

2023

FRANCIELE CARVALHO DA SILVA

Dançando entre desafios e estratégias pedagógicas: os investimentos de professoras de Educação Física ao tematizarem a dança nas escolas.

Conceito final:

Aprovado em..... de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki- ESEFID - UFRGS

Orientadora - Prof. Dr. André Luiz Santos Silva - ESEFID - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Durante a minha caminhada até aqui, sempre pude contar com o apoio das pessoas que amo. Por isso, hoje eu agradeço a elas.

A Deus, por sempre se fazer presente na minha vida. Ao meu pai, pelas mensagens diárias, pela preocupação e por estar presente da maneira que consegue. À minha mãe, por ser essa mulher que eu admiro e com quem aprendo sobre a vida a cada dia que passa. Ela segura a minha mão nos momentos mais delicados e me mostra o quão capaz eu sou de conquistar meus objetivos, mesmo quando nem eu acredito. Obrigada, mãe, por não me deixar desistir!

Aos meus irmãos, Helen e Maicon, duas pessoas que eu amo muito e que não são apenas referências, mas também meu porto seguro. Obrigada por serem tão parceiros e dispostos a estarem comigo em todos os momentos.

À minha avó Maria, por colocar meu nome em todas as suas orações e torcer por mim e pelos meus sonhos. À Bela, um serzinho tão pequeno, mas com um coração gigante. Ela veio ao mundo no mesmo momento em que eu recém entrava na faculdade e cresceu à medida que eu também ia crescendo dentro da ESEFID.

Ao Thalís, que está ao meu lado desde a escola, sempre me apoiando. Obrigada, amor, por ouvir meus desabafos, ser meu amparo e entender os momentos em que eu precisava dar mais atenção aos estudos, principalmente neste período de escrever o TCC.

À Márcia, por ser tão importante para mim e por muitas vezes ser meu alicerce.

Aos meus amigos, pelo carinho e apoio de sempre.

Ao Gabriel, que esteve comigo desde o início dessa jornada e possui uma grande influência no meu desempenho na faculdade e na minha chegada até aqui. Gabe, obrigada por viver a UFRGS junto comigo!

E por fim, agradeço a todas as professoras que aceitaram participar da minha pesquisa, aos professores de dança que passaram pela minha vida, deixando um pouquinho do seu amor pela prática dentro de mim. E, claro, agradeço imensamente ao “Prô” André, por ser não só um professor incrível, mas um orientador extraordinário. Obrigada por embarcar nessa jornada comigo. Sou muito grata a ti de todas as formas.

Obrigada a todos!

“E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música” (Friedrich Nietzsche)

RESUMO

A partir da minha relação com a dança e da minha trajetória na educação física, busquei, por meio desta pesquisa, discutir as estratégias que os professores de educação física utilizam para abordar a dança em suas aulas. Além disso, procurei conhecer os possíveis desafios enfrentados pelas professoras ao desenvolverem esse tema e entender de que forma eles lidam com esses obstáculos, especialmente aqueles relacionados às questões de gênero.

Para tanto, adotou-se como perspectiva metodológica a abordagem qualitativa, e como forma de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi estruturadas. As entrevistas foram realizadas através da plataforma Zoom com professoras de Educação Física atuantes em escolas públicas de Porto Alegre e Região Metropolitana, que incluem a dança como conteúdo pedagógico em suas aulas.

Através da revisão da literatura e dos resultados mostrados nas categorias, conclui-se que há muitos argumentos positivos para a abordagem da dança na educação física. No entanto, ainda não há condições para a dança se tornar presente na escola e nas aulas de Educação Física, devido a barreiras como o preconceito em relação ao corpo que dança, associado ao gênero, a falta de domínio e interesse dos professores de Educação Física sobre o conteúdo e o olhar negligenciado sobre a dança como um conteúdo pedagógico.

Essas barreiras tornam o desenvolvimento da dança na Educação Física um desafio complexo, exigindo investimentos significativos.

Por fim, entende-se que a dança ainda precisa percorrer um longo caminho de investimentos pedagógicos para ocupar um espaço adequado na Educação Física.

Esses investimentos estão relacionados tanto à formação adequada dos professores em relação ao conteúdo de dança e às estratégias pedagógicas, como também na tentativa de fazer a escola enxergar a dança como uma prática pedagógica enriquecedora, sem estereótipos e rotulações de corpo.

Palavras chave: Dança, Educação Física, Estratégias pedagógicas, Gênero.

ABSTRACT

Drawing upon my personal relationship with dance and my experience in the field of physical education, this research aims to discuss the strategies employed by physical education teachers when incorporating dance into their curriculum. Additionally, I aimed to uncover the potential challenges these educators encounter while teaching this subject and to gain insights into how they navigate these obstacles, particularly concerning gender issues.

Therefore, a qualitative methodology perspective was employed, utilizing semi-structured interviews as the primary method of data collection. These interviews were conducted via the Zoom platform with physical education teachers from public schools in Porto Alegre and Metropolitan Region, specially those who include dance as pedagogical content in their classes.

Through a review of the literature and analysis of the gathered data, it was possible to conclude that there are numerous benefits associated with incorporating dance into the physical education curriculum. However, certain barriers hinder the inclusion of dance, such as preconceived notions about the dancing body based on gender identities, limited interest among physical education teachers regarding this subject, and an overlooked perspective on dance as a pedagogical content.

These barriers complicate the integration of dance as a physical education activity, demanding substantial investments.

Ultimately, it becomes evident that a significant journey lies ahead for dance in the field of physical education, with pedagogical investments serving as a way to occupy a proper place. These investments are related both to the proper training of teachers regarding dance content and pedagogical strategies, as well as to the attempt to make the school see dance as an enriching pedagogical practice, without body stereotypes and labeling.

Keywords: Dance, Physical Education, Pedagogical Strategies, Gender.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1. TEMATIZANDO GÊNERO.....	11
2.2. DANÇA E GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÃO DOS CONTEÚDOS E SUAS RESISTÊNCIAS	14
3. METODOLOGIA.....	19
3.1. COLABORADORES DA PESQUISA.....	20
3.2. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	21
3.3. PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	21
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	22
4.1. CATEGORIA 1: DESAFIOS DANÇANTES NO AMBIENTE ESCOLAR.....	22
4.1.1 AS BARREIRAS DA CULTURA ESCOLAR.....	22
4.1.2 O PRECONCEITO PELO CORPO DANÇANTE.....	25
4.1.3 FATORES QUE IMPEDEM O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA A TEMATIZAR DANÇA EM SUAS AULAS.....	28
4.2. CATEGORIA 2: ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA SE FAZER PRESENTE A DANÇA DENTRO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	30
4.2.1 DANÇAR SEM FALAR SOBRE A DANÇA.....	30
4.2.2 DANÇANDO NA REALIDADE DOS ALUNOS.....	32
4.2.3 OS GAROTOS NÃO QUEREM DANÇAR E AGORA?.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
APÊNDICE A- PERGUNTAS DIRECIONADA AOS PROFESSORES.....	39
ANEXO 1.....	40

1. INTRODUÇÃO

A dança vem tendo uma importância significativa na cultura humana ao longo dos tempos. De acordo com Schaefer e Silva(s/d), a dança é considerada uma das formas mais antigas e significativas de comunicação. Além disso, com o decorrer dos anos, a dança foi ganhando espaço também dentro das artes, e recentemente foi também sendo ligada como uma prática passível de discussões culturais e políticas(Andreoli,2010). Dito isso, ao olharmos a dança para além da parte artística, também passamos a olhar para o leque de possibilidades de espaços que a dança pode ser encontrada e desenvolvida, e dentro desses espaços, temos a escola.

Desde 1990 Rudolf Von Lanban¹, nos mostra como a dança pode se relacionar com as questões pedagógicas. Tendo como objetivo mostrar a linguagem corporal no formato de expressão não verbal, capaz de favorecer uma melhor consciência do corpo em movimento(Oliveira,2014).

Olhando a dança através da perspectiva pedagógica, podemos pensar na inserção dessa prática como conteúdo pedagógico a ser desenvolvido na escola, nas aulas de Educação Física.

Para Souza (2018), a dança nas aulas de Educação Física pode ser um possível recurso para compreensão do aluno sobre o ambiente no qual ele está inserido, além de possibilitar a expressão de sentimentos e ajudar no processo de integração.

Entende-se que a dança ser tematizada nas aulas de educação física é algo benéfico por diferentes razões,dentre elas: motoras, cognitivas e sociais, porém, apesar desse entendimento, ainda existe uma forte resistência sobre a presença da dança no ambiente escolar. Seja por falta de interesse ou de domínio do assunto pelos professores, seja pela valorização do ensino tradicional, ou ainda pelo preconceito relacionado ao gênero, partindo dos alunos, professores e comunidade escolar no geral. E de acordo com os autores Strazzacappa(2001), Marques(2007)

¹ Dançarino, coreógrafo, teatrólogo, musicólogo, intérprete, considerado como o maior teórico da dança do século XX e como o "pai da dança-teatro". [Wikipédia](#)

e Hunger, Souza e Caramashi (2010), o preconceito ligado ao gênero, é um dos principais motivos que leva a dança ainda encontrar barreiras para se encaixar na escola e na educação física.

Através dos autores, é possível entender alguns motivos que vem fazendo a dança, como conteúdo pedagógico, ser negligenciada nas aulas de educação física ao longo da história, e através dessa pesquisa, procuro entender um pouco mais sobre essas influências e como podemos lutar contra elas.

E por querer entender um pouco mais sobre o que leva a dança ser tão pouco desenvolvida nas escolas, principalmente na Educação Física, e por querer também encontrar possíveis soluções/estratégias para tornar a dança mais presente nesse espaço, que resolvi explorar mais sobre o tema e desenvolver essa pesquisa, além claro, de também ter contato com a dança desde criança, e essa prática ser tão importante para mim por diferentes motivos.

Por conta da dança estar presente na minha vida desde muito nova, pude ter contato com diferentes colegas bailarinos em diferentes espaços, porém na maior parte com bailarinas mulheres, o que também sempre me chamou atenção e me fez questionar sobre a temática gênero na dança e como isso é tão pouco discutido nesses espaços, principalmente na escola, e nas aulas de educação física que se fala tanto sobre o corpo e as práticas corporais.

Outro motivo que me levou a seguir neste tema, é que ao longo do levantamento bibliográfico sobre dança na educação física, através das plataformas Oasisbr, Scielo, Lume UFRGS e Google Acadêmico, foi notável que em torno de 65% a 70% dos textos tinham o foco central voltado aos alunos, o que me fez também pensar em desenvolver uma pesquisa direcionando o foco aos professores.

Através disso, este estudo tem como intenção direcionar a discussão para os professores de educação física, verificando, então, de que forma eles trazem a dança para dentro de suas aulas no ambiente escolar.

Por esta razão, a pesquisa parte do seguinte **problema**: Quais investimentos pedagógicos os professores de Educação Física precisam realizar para tematizar dança em suas aulas?

Partindo desse problema, o **objetivo geral** estabelecido para esta pesquisa é:

- Discutir quais estratégias que as professoras de Educação Física realizam para conseguirem tematizar a dança em suas aulas.

E os **objetivos específicos** são:

- Conhecer os possíveis desafios enfrentados pelas professoras de Educação Física ao tematizar a dança em suas aulas.
- Entender de que forma as professoras agem sobre esses desafios, principalmente os relacionados às questões de gênero.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tematizando Gênero.

Trabalhar com dança nas aulas de Educação Física é também lidar com as possíveis resistências dos alunos e do ambiente escolar como um todo, devido ao preconceito relacionado ao gênero, e, para refletirmos sobre o assunto, é preciso entender seu significado.

Quando falamos sobre o termo gênero, podemos identificar dois significados: O primeiro, de acordo com Praum (2011), se designa como qualquer categoria ou grupo que representa características em comum, por exemplo, filmes sendo separados em categorias: romance, terror, comédia e etc. O segundo significado, de acordo com Santana e Benevento(2013) tem como característica “as relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais”, ou seja, algo cultural e político, significado este que é o norteador deste trabalho.

A autora Scott (1995) nos mostra que esse conceito iniciou através das feministas americanas que tinham como intuito enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções de sexo. Uma forma de empoderamento das mulheres contra um sistema patriarcal, um sistema que demarcava papéis e

espaços em que os corpos poderiam frequentar e como frequentar. A autora também relaciona gênero como construções culturais.

[..]O termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres (p.75).

Gênero é uma forma de “ênfatizar que a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo [e, portanto, também o sexo] aparece” (Meyer, 2004 p.15).

Para Haraway (1996 apud Louro 2007, p.206), gênero é um conceito que foi desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em vários campos de luta.

Importante salientar que o conceito de gênero não se confunde com o conceito de sexo, gênero se trata de condições sociais de identificação entre masculino e feminino, enquanto o termo sexo está ligado apenas a diferenças biológicas. (Feitosa e Pinto, 2017)

Ao se referir sobre o termo gênero, a autora Pinto(2010) relaciona o conceito com o discurso da diferença dos sexos, não só as ideias, mas também as estruturas, o cotidiano, os rituais e tudo que envolve as relações sociais. A autora também defende que “o conceito de gênero busca desnaturalizar as diferenças e a divisão social do trabalho, trazendo uma significação plural e transitória” (p.7).

De acordo com Knijnik(2010, apud Andreoli et al. 2016, p.36):

Gênero é entendido de forma relacional (não existe a masculinidade, mas sim masculinidades se influenciando e disputando espaços entre si, e se construindo mutuamente e em conjunto com as feminilidades), dinâmica e múltipla – influenciando condutas, identidades pessoais, corporais, a educação, a sexualidade – e o esporte em todas as suas dimensões e interfaces com a política, a mídia e a sociedade como um todo.

É possível também relacionar o conceito de gênero como uma forma de poder, uma forma de controlar os corpos, onde a sociedade direciona seus espaços e a sua forma de agir. Scott (1995) traz consigo essa relação:

Gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado (p.88).

O conceito de gênero não é considerado um conceito fixo, pois é algo que vai sendo ressignificado pelas pessoas de acordo com o ambiente e período em que elas vivem. Santana e Benevento (2013)

Ao pensar sobre gênero, podemos refletir em como essa discussão se dá início em nossa vida antes mesmo de nascermos. Santos e Santos (2017) falam exatamente sobre isso, de como “antes mesmo do nascimento a sociedade já define qual será a cor da criança, e não a cor da pele, mas as cores que remetem sua identidade de gênero, rosa ou azul, ou para os menos radicais, amarelo ou verde água” (p.180).

Os autores também mencionam que através desses estereótipos a criança já chega no mundo rodeado de preconceitos:

Assim, a criança já chega ao mundo com um preconceito a ela instituído e, ao longo de sua vida, este é reforçado nos brinquedos e brincadeiras que reproduzem o que se espera para o futuro das meninas e meninos (p.180).

A sociedade estabelece padrões que são seguidos como regras. A definição de que rosa e boneca se aplicam para meninas, e azul e carrinhos para meninos é um ótimo exemplo disso. (Andreoli, Koch e Castro, 2016).

De acordo com Butler (2003) citado por Andreoli(2010,p.111) , as questões de gênero iniciam logo quando a gravidez é mencionada. Ela diz:

O gênero começa a ser regulado, por exemplo, desde que se anuncia que é menino ou menina. Esse anúncio determina uma cadeia de atos de linguagens, criando um discurso coercitivo em relação ao gênero que visa moldar o corpo e a forma como o indivíduo viverá: por exemplo, o controle de roupa que a criança poderá usar, as cores, os brinquedos, etc.

Lima (2017) reflete também sobre a questão de como ao nascer as crianças já são moldadas para seguir esse padrão cultural e, como vimos anteriormente, que os

brinquedos são um dos fatores que dividem o que é visto como de menina e o que é visto como de menino.

A autora nos mostra que essa separação de ambientes é feita de forma tão rotineira que muitas vezes se torna algo comum aos olhos. Também nos faz refletir sobre os comportamentos presentes nas crianças, citando que os meninos não nascem agitados, querendo ter carros e/ou serem super heróis, assim como as meninas não nascem calmas e querendo ser donas de casa e mães (p. 17). Isso tudo é construído ao redor delas e essas questões fazem parte de como a sociedade modela os corpos.

De acordo com Andreoli, Koch e Castro (2016), essa modelação de corpos, e separação de espaços, dá origem a relações de opressão, domínio e exploração.

Por fim, através dessas reflexões podemos entender que gênero está relacionado a toda organização de uma sociedade, às instituições sociais, aos marcadores de masculino e feminino e etc. (Andreoli,2010)

2.2 Dança e Gênero nas aulas de Educação Física: Relação dos conteúdos e suas resistências.

Conhecendo um pouco sobre o significado de gênero, passaremos a entender também um pouco sobre o que a dança significa, quais relações essa prática e gênero possuem, e como isso influencia na educação física. Além de discutirmos também a importância de desenvolver a dança dentro das aulas de educação física no ambiente escolar.

De acordo com Shaefer e Silva (s/d), a dança está presente na vida dos seres humanos há muito tempo, e é considerada uma das formas de manifestação mais completas e significativas, sendo também uma das formas mais antigas de comunicação.

Para Portinari (1985 apud Melo 2012, p.19), dança significa comunicação que dispensa o jogo de palavras, ou seja, uma forma de comunicação através do corpo.

Nani (1998), também citada pela autora, menciona que o termo dança se refere a uma arte com expressão gestual e facial através de movimentos, que pode transmitir diferentes emoções de acordo com o estado de espírito.

Além da dança se relacionar com a arte e expressão, ela também pode ser relacionada como conteúdo pedagógico.

Através da leitura de Oliveira (2014), vimos que a dança na educação surge com Rudolf Von Laban em 1905. Nanni (1995) citado por Oliveira (2014, p.7) mostra que os estudos de Laban tinham como objetivo mostrar a linguagem corporal como forma de expressão não verbal capaz de favorecer uma melhor consciência do corpo em movimento.

A autora acredita que relacionar a dança com a Educação Física escolar é uma forma dos alunos conhecerem as qualidades dos movimentos expressivos e passarem a valorizar as manifestações culturais.

A dança para Pacheco (1999) vai além de decorar e executar coreografias. Para ela, a dança comporta valores culturais, sociais, pessoais e o professor que ignora essas questões acaba transformando a aula em algo mecânico.

Gariba e Franzoni (2007) nos dizem que o ensino da dança possui uma importância para formação humana na medida em que se olha para a prática como vivências que proporcionam para os alunos questões voltadas a sensibilidade, conscientização de valores, atitudes e ações cotidianas na sociedade.

Carvalho (2015) menciona que a dança no ambiente escolar possibilita uma nova vivência aos alunos, deixando as aulas mais diversificadas e estimulantes.

Dependendo da forma que o professor planejar suas aulas, ele pode desenvolver com os alunos o reconhecimento da sua força, espaços, ritmos, tempo, cadência e outras questões (Souza, 2018 p.20). Além de uma reflexão sobre a dança e o que está por trás dela.

Shaefer e Silva (s/d) acreditam que a dança é primordial nas escolas pois o corpo em movimento por meio da dança “possibilita contribuições na formação

integral da criança, na consciência do próprio corpo, da dança na sua relação interpessoal e ainda a expressão de seus sentimentos” (p.05).

Os autores também defendem que essas aprendizagens através da dança envolvem entender o contexto que se encontra o aluno, percebendo, então, as influências culturais que a dança recebe.

Para Toneto (2008), quando refletimos sobre a dança e todas as informações que estão à sua volta, podemos ver que é possível desenvolvê-la sem necessariamente trabalhar com técnicas específicas, direcionando as aulas para aspectos mais culturais, políticos e sociais.

A dança também facilita a descoberta de limites e potencialidades individuais por meio de vivências corporais. Este processo impacta positivamente os relacionamentos interpessoais e o desenvolvimento do auto conceito e da autoestima (Falsarella & Amorim, 2008).

Apesar de vermos que a dança pode se relacionar com a Educação Física e que essa relação possui benefícios, a prática como conteúdo pedagógico ainda é pouco desenvolvida nas escolas, sendo lembrada apenas em apresentações escolares.

De acordo com Strazzacappa (2001), um dos fatores que limita a dança na escola, nas aulas de Educação Física, é a forma preconceituosa que a escola enxerga a dança, menosprezando-a por não acharem importante, e “a segunda barreira diz respeito a um outro tipo de preconceito, desta vez não do professor, mas do próprio aluno” (Strazzacappa, 2001, p. 74).

Marques (2007) acredita que o que também colabora para a desvalorização da dança nas aulas de Educação Física é a presença mais tradicionalista do ambiente escolar, uma visão mais tecnicista e racionalista que inibe o ensino das habilidades voltadas à arte dos alunos. “Os processos de criação em dança acabam não se encaixando nos modelos tradicionais de educação” (Marques 2007).

Hunger, Souza e Caramashi (2010), através de seu artigo de revisão, trazem também que um dos motivos para a dança ainda ser pouco trabalhada nas aulas de Educação Física é a falta de preparo dos próprios professores que não dominam o assunto e o preconceito que existe em relação ao gênero.

A dança vem sendo negligenciada dentro das aulas de Educação Física e, ainda, no âmbito escolar, existe a presença de um grande preconceito a respeito do homem estar inserido nessas aulas. O preconceito fica ainda mais evidente quando se trata de alguns estilos de dança, apesar da existência de um rico folclore e da quantidade de danças existentes no país, seu ensino na escola, principalmente para meninos, ainda gera bastante preconceito. (Feitosa e Pinto, 2017 p. 57).

Na maioria das vezes, o preconceito partindo dos alunos vem principalmente dos meninos, devido à forma que a sociedade lida com a ideia de que os homens precisam “provar” sua masculinidade, e de acordo com a cultura e sua separação de corpos, a dança não se encaixa como modelo para isso, pois é considerada algo pertencente às mulheres. (Espíndola, 2017 p.8)

A estética corporal proporcionada pela dança é considerada a mais própria de uma espécie de essência natural da mulher. Por outro lado, ela parece ser imprópria para um projeto de aquisição e de “prova” de masculinidade viril, o que historicamente sempre foi melhor articulado através de uma associação entre masculinidade e certos esportes, e que faz com que o homem, para dançar, tenha que superar inúmeros obstáculos sociais (Andreoli, 2010 p. 112)

Souza (2016) compartilha do mesmo pensamento de que a resistência presente ao praticar dança nas aulas é trazida com uma bagagem de preconceitos existentes devido à cultura da nossa sociedade que separa de forma clara o que pertence ao universo feminino e masculino.

Segundo um estudo de Souza (2007), a associação entre dança e falta de masculinidade aparece muito na cultura brasileira, em especial no estado do Rio Grande do Sul.

Andreoli (2010) traz consigo a reflexão de que mesmo que a cultura hostilize o homem que dança, essa ação ainda é permitida. Porém, quando permitido, na maioria das vezes o homem precisa dançar demonstrando sua masculinidade através de alguns gestos. Ou seja, “[...] a cultura regula aquilo que, em certo sentido, transgredir a norma maior, impondo outras normas, como, por exemplo, em que circunstâncias, modelos e contextos deve o homem dançar e, em última instância, como ele deve dançar”(P.114).

A autora Strazzacappa (2001) comenta que em decorrência desse preconceito enraizado na cultura, “em algumas escolas, os estagiários são obrigados a

chamarem o trabalho de “expressão corporal”, pois se o nome “dança” aparece, muitos meninos se recusam a participar da atividade por não serem “mulherzinhas” (p. 74).

Marques (2007) também menciona que devido aos preconceitos, alguns professores também mudam a forma de mencionar a dança dentro de suas aulas para “arte e criação”, “movimento e criação”.

Devido a esse preconceito, é viável pensar a dança nas aulas de Educação Física como uma forma de desconstrução de rótulos, quebra de tabus e preconceitos. Trazendo, então, a dança como ferramenta de uma prática corporal também reflexiva e passível de discussão de gênero dentro do ambiente escolar. Assim como Andreoli (2010), que enxerga a dança não apenas como um veículo de expressão individual e artística, mas também como algo social e político.

É possível compreender que a dança não está isenta de operar, ao lado de muitas outras práticas de ritualização dos usos cotidianos do corpo, como uma pedagogia cultural de gênero, por meio da qual desigualdades sociais de gênero são reproduzidas, através da configuração de diferentes maneiras de usar o corpo por homens e mulheres. (Andreoli, 2010 p.108)

Trabalhar com dança, educação física e gênero juntos permite ao aluno ter acesso a diferentes práticas corporais, visando não só as habilidades motoras, mas também culturais e sociais, realizando não só movimentos, mas refletindo sobre seus significados.

Feitosa e Pinto (2017) não pensam muito diferente, para eles tematizar a dança nas aulas com meninas e meninos em conjunto, propiciando as mesmas vivências, é uma forma de mostrar que a dança não tem sexo.

De acordo com Gomes (2021), a dança na escola tem a capacidade de discutir sobre os preconceitos sexuais e de identidade de gênero, além de ser possível pensar a dança como uma forma de empoderamento e conhecimento da diversidade cultural. “O ensino da dança na escola pode ser um lugar de possibilidades de trabalhar com aspectos que fogem do tradicional, desse modo,

sendo um ambiente de discussão e acolhimento para pessoas que não se encaixam nos padrões normativos”(P.09).

O autor reflete sobre como é importante introduzir as discussões de gênero dentro das aulas de dança no ambiente escolar, por ser um mecanismo de desconstrução de estereótipos preconceituosos, além de pensar também que é na escola, nas aulas de Educação Física, que muitos meninos começam a dançar e essa quebra de tabus auxilia nesse processo.

Segundo Godoi (2009):

A sexualidade e o gênero estão presentes na escola mesmo não tendo um espaço no currículo oficial através de uma disciplina, de um programa ou projeto de educação sexual. Até mesmo quando a escola não fala sobre o assunto, a sexualidade e o gênero estão presentes por meio das regras e normas de conduta, dos valores, dos códigos, dos padrões, dos silenciamentos, das proibições.

Marani (2022) defende a ideia de que abordar a dança nas aulas de Educação Física, relacionando com a temática gênero, é um modo de ir além de proporcionar uma aula diferente aos alunos, “é enxergar a prática em um sentido político, como reivindicação de vidas que não se conformam às normas” (p.6).

Pacheco (1999 apud Coffani e Cruz 2015, p.100) afirma que a dança pode contribuir para o fechamento de uma visão restrita de masculinidade e feminilidade, além de respeito individual. O autor menciona também que a dança deve aproveitar “[...] as possibilidades dinâmicas do movimento (o delicado e o bruto, o forte e o fraco, o leve e o pesado, entre outras), de modo a rompermos com associações e estigmas sexistas e homofóbicos”.

Por fim, a dança presente na Educação Física pode ser uma maneira de dialogar sobre as diferenças, sobre os corpos que dançam e seus espaços.

3. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa consiste numa abordagem qualitativa. Para Guerra (2014), essa é uma abordagem que tem como objetivo aprofundar a compreensão de fenômenos que se estuda, sejam ações individuais ou em grupo.

Uma abordagem que se preocupa mais com a visão de quem está participando do estudo do que com resultados com embasamento estatísticos.

3.1 Colaboradores da pesquisa

A pesquisa tem como colaboradores sete professoras de Educação Física que atuam em escolas públicas de Porto Alegre e Região Metropolitana, e que tematizam dança dentro das aulas de Educação Física. Pensando em preservar a identidade das professoras entrevistadas, foi adotado nomes fictícios para representá-las neste trabalho.

Nome professoras entrevistadas (fictício)	Tempo de docência	Escola	Rede
Flora	15 Anos	EMEF Arlindo Stringhini, EMEF Zilá Paiva Jardim, e EMEF Maximo Laviaguerre	Rede Municipal de Guaíba
Marisol	12 Anos	Escola Municipal Rio Grande do Sul	Rede Municipal de Guaíba
Lili	20 Anos	Escola Municipal de Ensino Fundamental Luísa Maria Binforé	Rede Municipal de Eldorado do Sul
Ana	10 Anos	Escola Estadual Ensino Médio Izaura Ibanes Paiva	Rede Estadual de Guaíba
Esther	15 Anos	EMEF Maximo Laviaguerre, e EMEF Breno Guimarães	Rede Municipal de Guaíba
Rutch	14 Anos	Escola Estadual Mané Garrincha, e Escola Estadual de Ensino Fundamental Duque de Caxias	Rede Estadual de Porto Alegre
Luara	9 Anos	EMEF Professora	Rede Municipal de

		Idelcy Silveira Pereira, e EMEF Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha	Porto Alegre e Rede Municipal de Gravataí
--	--	---	---

3.2 Procedimentos e instrumentos para produção de dados

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Uma opção de entrevista que, de acordo com Guerra (2014), possui como característica principal perguntas abertas, “dando ao entrevistado a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto” (p.24).

A entrevista foi realizada com professoras de educação física, de forma presencial e online, onde foram respondidas perguntas referentes ao tema dança gênero e educação física. (Apêndice A).

No primeiro momento, foram selecionadas as colaboradoras de pesquisa, e depois foi realizado o agendamento para as entrevistas. Entrevistas essas que foram gravadas e transcritas, como forma de registrar os dados coletados.

Após a coleta de dados, os resultados das entrevistas foram interpretados e utilizados como fonte para responder o problema de pesquisa do trabalho de conclusão de curso.

3.3 Procedimentos éticos

Para realização desta pesquisa, foi seguido todos os cuidados éticos necessários. Por esta razão, antes das entrevistas terem sido realizadas, foram entregues termos de consentimento livre esclarecido (TCLE) para as entrevistadas (Anexo I).

O TCLE, de acordo com Pontifícia Universidade Católica do Paraná, “tem por finalidade possibilitar, aos sujeitos da pesquisa, informações sobre a investigação a

ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente.” (p.1) Ou seja, neste documento estão esclarecidos os objetivos da pesquisa, a garantia de anonimato e a possibilidade de desistência na sua participação, por se tratar de uma ação voluntária do entrevistado.

4. Análise e discussão

Este trabalho está dividido em duas categorias. Na primeira, são discutidos os desafios relatados pelas professoras entrevistadas ao incluírem a dança na Educação Física. Na segunda categoria, são abordadas as estratégias que as professoras de Educação Física utilizam para introduzir a dança em suas aulas e para lidar com os obstáculos que surgem ao longo do processo. Além dos relatos das entrevistadas, também serão utilizadas as perspectivas de alguns autores, juntamente com as minhas próprias considerações, em relação aos desafios enfrentados e às estratégias realizadas pelas professoras.

4.1 Categoria 1: Desafios dançantes no ambiente escolar.

Segundo a percepção das professoras, é comum associar um professor de Educação Física ao futebol ou à preparação dos alunos para as competições escolares. No entanto, é quase impossível imaginar um professor de Educação Física colocando uma música na aula e incorporando a dança como conteúdo e ferramenta pedagógica em suas aulas. Neste tópico, discutiremos as razões por trás dessa tendência e exploraremos os desafios enfrentados ao incluir a dança como tema nas aulas, conforme relatado pelas professoras entrevistadas.

4.1.1 As barreiras da cultura escolar

O olhar voltado à Educação Física escolar é predominantemente esportivista. Conforme relatado pela professora Luara, na cultura escolar, ainda perdura a ideia de que a Educação Física se resume a um espaço para explorar esportes e

preparar os alunos para competições escolares. Essa cultura esportivista tem suas raízes nos moldes do militarismo, onde a Educação Física era concebida principalmente para focar na performance, no preparo físico e na formação de futuros homens aptos para a guerra (Medeiros et al., 2018). Segundo os autores, após o período militar, a Educação Física foi introduzida nas escolas para:

[...] Promover o país a êxitos esportivos e tornando-o uma potência esportiva no intuito de eliminar críticas internas e deixar transparecer um ambiente de prosperidade e desenvolvimento (p. 74)

Essa potência se tornou grandiosa, e de acordo com Pinto (1996, apud Medeiros et al. 2018, p. 74), por conta das representações através das mídias, e de sua prática, o esporte "[...] Se tornou um dos mais importantes fenômenos socioculturais, sendo este em relação aos outros conteúdos o mais destacado no currículo da Educação Física Escolar". Portanto, devido a toda essa importância atribuída, o esporte ocupa uma grande parte, ou até mesmo todo o espaço, nos conteúdos da Educação Física.

Através dos autores González e Fensterseifer (2009), podemos ver que a relação entre a Educação Física escolar e o esporte ficou tão conectada "a tal ponto de, no senso comum, ser plenamente possível confundir a Educação Física escolar com a prática esportiva" (p. 10).

Até a própria estrutura do ambiente escolar pensada para receber as aulas de Educação Física é voltada ao esporte. Segundo a professora Flora: "Nas escolas, possuem quadras poliesportivas, sala de jogos e algumas possuem até sala com tatames para as aulas de luta, mas não há um espaço minimamente preparado para aulas de dança".

Outro ponto relevante é que, ao falarmos sobre estrutura, devemos abordar também o que compõe essa estrutura. Através das experiências compartilhadas pela professora Flora, fica evidente que em muitas escolas, durante os intervalos entre as aulas, conhecido como "recreio", é comum disponibilizarem aos alunos uma bola para que possam jogar e passar o tempo. No entanto, raramente se encontra uma caixa de som disponível, permitindo que os alunos aproveitem o intervalo ouvindo música e, conseqüentemente, dançando. Isso ressalta que mesmo nos intervalos, o esporte ainda prevalece de alguma forma.

Entretanto, a estrutura não é a única barreira enfrentada. A percepção da dança pela escola e por alguns professores da área também desempenha um papel importante. De acordo com Strazzacappa (2004), dentro da cultura escolar, a dança dificilmente é vista como conteúdo pedagógico e só é lembrada em momentos específicos. Ela diz:

[..] A dança somente é lembrada quando surgem as festas escolares, diante da necessidade de se mostrar espetáculos para serem apresentados à comunidade nas festas juninas, festa do dia das mães, dos pais, etc(2004, p. 70)

A professora Marisol comenta que ao oferecer a dança aos alunos apenas em momentos específicos, com foco na performance, isso acaba levando à negação e resistência à prática. Segundo ela, isso acontece porque os alunos têm contato apenas em ocasiões pontuais, sem realmente compreender o conteúdo, e enxergam a dança apenas como uma obrigação de apresentação da escola.

As professoras defendem que, para evitar esses contratempos, seria mais eficaz desenvolver a dança no ambiente escolar de forma mais frequente e integrada. No entanto, o currículo também contribui para a pouca valorização da dança nas escolas. Durante a entrevista, a professora Luara questionou a forma como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) organiza os conteúdos da Educação Física, afirmando que a organização da dança é destoante em relação a outros esportes. A professora nos mostra que a BNCC prioriza os esportes em comparação a outras unidades temáticas da Educação Física. Segundo ela:

“Dentro do esporte, existem diferentes temáticas, com detalhamentos, variação de possibilidades, enquanto a dança é discutida em um pequeno espaço, abordando dois estilos, com detalhamento mínimo em comparação aos esportes”.

De acordo com a professora Luara, a BNCC dá a entender que a dança se limita apenas à dança de salão e danças urbanas, e que não requer tanto cuidado ao planejar.

Em relação à distribuição curricular, Sacristán (1995, apud Medeiros et al., 2018, p. 76) acredita que “[...] o currículo valoriza determinados componentes em relação a outros, e, muitas vezes, oculta dos estudantes aspectos culturais que rodeiam o espaço escolar”.

É importante ressaltar que a cultura esportivista na escola não é influenciada apenas por documentos e estrutura. De acordo com a percepção das professoras, a

maneira como alguns professores de Educação Física enxergam ou abordam a dança também contribui para esse cenário.

Durante a pandemia, em algumas escolas, foram realizadas reuniões para debater quais conteúdos seriam viáveis de serem trabalhados de forma remota nas aulas de Educação Física. A professora Flora relatou que, dentro dos conteúdos propostos pelos colegas, a dança não foi mencionada nenhuma vez, e que ela foi a única a questionar o motivo e a apresentar argumentos em favor da inclusão da dança no ensino remoto. No entanto, a resistência dos outros professores fez com que a dança fosse deixada de lado para dar espaço aos esportes mais convencionais. Segundo ela, essa situação não ocorreu apenas durante a pandemia, isso é uma realidade diária.

Ao conversar com as professoras, é possível perceber que a dança não ocupa o mesmo espaço que outros conteúdos na Educação Física. Alguns professores não demonstram interesse em conceder esse espaço, alegando não possuir conhecimento suficiente para um ensino mais aprofundado ou que a prática não possui a mesma importância.

No entanto, é fundamental destacar que a dança é tão importante quanto qualquer outra prática corporal e que a falta de experiência prévia não justifica a exclusão desse conteúdo. Conforme mencionado por Bettin (2015, apud Medeiros et al., 2018, p. 75), a Educação Física deve proporcionar aos alunos uma variedade de práticas corporais, não apenas aquelas que convêm ao professor.

Diante disso, a professora Marisol enfatiza que os professores precisam compreender que não se trata de substituir uma prática na qual eles já estão mais familiarizados, mas sim de ampliar as vivências dos alunos. Como ela ressalta: “Não se trata de tirar o futebol para incluir a dança, mas sim de incluir também a dança nas aulas.”

4.1.2 O preconceito pelo corpo dançante

Além das barreiras enfrentadas através da cultura escolar e da forma como ela enxerga a dança, identificamos, por meio das entrevistas, outro fator que contribui para a prática ser tão pouco desenvolvida nas escolas: o preconceito de gênero relacionado ao corpo que dança.

Esse preconceito referente ao corpo dançante está muito presente no ambiente escolar. De acordo com as professoras entrevistadas, durante as aulas em que o conteúdo da dança é abordado, a presença dos meninos é significativamente menor em comparação à participação das meninas. Um dos motivos apontados pelas professoras é que, na maioria dos casos, os meninos já chegam à escola com a ideia de que a dança é voltada apenas para meninas, assim como enxergam o futebol apenas como uma atividade para meninos. Em virtude dessa percepção, muitos meninos se recusam a dançar, pois não veem a prática como algo destinado a eles.

De acordo com Andreoli (2010), a cultura em que vivemos é predominantemente machista e preconceituosa, onde a dança é frequentemente associada a uma prática feminina ou relacionada à "falta de masculinidade".

A professora Flora acredita que o receio dos meninos em relação à dança está mais presente na adolescência, uma vez que, na educação infantil, é menos comum encontrar essas questões e, quando surgem, aparentam ser mais fáceis de contornar.

Ela também acredita que essa ocorrência se dá com maior frequência durante a adolescência porque os jovens estão em uma fase de descoberta do corpo, mais relacionada à sexualidade. Quando a dança é vista como uma atividade exclusiva para meninas, alguns meninos evitam dançar, temendo que sua sexualidade seja questionada, acreditando, portanto, na ideia de que dançar os torna menos homens. Outro relato que a professora nos trouxe é que durante esse tempo em que ela leciona, ela conseguiu perceber que quando trabalha com a dança na Educação Física, ela consegue trazer os garotos para dentro das aulas, se o estilo que for trabalhado for Danças Urbanas, mais especificamente a vertente relacionada ao hip hop.

Segundo Santos (2009, p. 70): "O menino busca na dança hip-hop um jeito 'masculino' de poder dançar, pois a dança, em nossa cultura, é apontada como uma atividade feminina".

Outro ponto que o autor destaca é que, diferente de outros estilos de dança em que a roupa normalmente é mais justa no corpo, na cultura hip hop, as vestimentas são mais largas. Além disso, também existe outro diferencial, que é a questão da falta de maquiagem, que normalmente é utilizada para eventos e competições de dança. Ele diz:

O hip-hop é feito geralmente sem maquiagem, é difícil um homem se maquiar para dançar no hip-hop, ou seja, maquiar-se não combina com hip-hop, ela pertence a outro lugar, outra ordem, outro gênero.(p.69)

O autor comenta que a maquiagem não faz parte do universo do hip hop, por conta da cultura enxergar a maquiagem como algo pertencente ao universo feminino, e as danças urbanas, especificamente a vertente Hip Hop, são vistas como um estilo de dança pertencente ao universo masculino.

O hip-hop é um estilo de dança em que os gestos, movimentos, palavras e batidas musicais estão inspirados no masculino. Suas marcações rápidas e ágeis apontam para um desempenho masculino, criando, assim, situações de desequilíbrio nas relações de gênero, escorregando o poder para o lado do masculino. (Santos 2009,p.69)

Para Santos (2009), ser um garoto e fazer parte de um grupo de dança é algo complicado e que "exige bastante investimentos para a manutenção de sua masculinidade", e de acordo com a visão da sociedade, o hip hop é um estilo de dança que "afirma" essa masculinidade.

As professoras entrevistadas também comentam que os alunos ficam receosos não apenas de dançar, mas também de ouvir comentários ofensivos e serem alvos de chacota enquanto dançam.

O autor Andreoli (2019) relaciona essa visão negativa do homem que dança e dos deboches com um processo nomeado por Butler (2017) como "mecanismo da regulação da sexualidade por meio da desqualificação do gênero."

Esse mecanismo, que afirma que o oposto da masculinidade é a falta de masculinidade, regula a construção do gênero masculino em nossa cultura, a partir da lógica heteronormativa. Dentro dessa lógica cultural, o homem que dança é visto como "afeminado", termo pejorativo que reforça uma oposição hierárquica entre masculino e feminino e entre o homem supostamente menos viril e os modelos hegemônicos de masculinidade heterossexual. (Andreoli, 2019 p.06)

Esse olhar negativo em relação ao corpo dançante acontece tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Algumas professoras relataram que, ao longo de suas vidas profissionais, trabalharam em diferentes escolas e se depararam, na maioria das vezes, que quando a escola oferecia atividades extracurriculares, essas atividades eram oferecidas de acordo com o gênero do aluno. Por exemplo, lutas eram oferecidas apenas para os meninos, enquanto a dança era disponibilizada

somente para as meninas. Essas ações eram justificadas com base na questão de gênero e na ideia de que determinadas práticas pertenciam a corpos específicos.

A professora Ana menciona em sua entrevista que, no início de sua carreira como docente em uma escola pública, deparou-se com um questionamento em relação ao seu trabalho com dança nas aulas de educação física. Ao anunciar o conteúdo que seria desenvolvido dentro da dança com as turmas, uma de suas colegas questionou o uso dessa prática, alegando ser uma atividade apenas para as meninas. A professora Ana conta que precisou explicar à responsável da turma que a dança era destinada a todos os alunos participarem, sem distinção de gênero.

A partir desses relatos, fica evidente como a cultura limita os espaços nos quais os corpos podem participar e como essa percepção é manifestada por adultos e também pelas crianças.

Logo, sendo a cultura o principal influente nas construções sociais, compreende-se porque a existência de diferentes concepções de masculinidade e feminilidade assumidas por cada povo (Nascimento et al, 2013 p.3)

4.1.3 Fatores que impedem o professor de educação física a tematizar dança em suas aulas

Por último, mas não menos importante, outro fator que influencia a não execução da dança nas aulas de educação física é a dificuldade do professor em sair de sua zona de conforto e trabalhar um tema com o qual não é tão familiarizado. De acordo com as professoras, isso ocorre com frequência em relação à dança.

A professora Esther menciona em sua entrevista que, ao observar seus colegas professores de Educação Física, percebe que muitos preferem permanecer ensinando as mesmas coisas por medo de arriscar e enfrentar possíveis falhas. Esse comportamento também se estende ao ensino da dança.

De acordo com as professoras entrevistadas, é muito mais fácil para o professor dar aula daquele assunto que tem mais vivência e propriedade de fala, pois é muito mais tranquilo ficar na zona de conforto do que arriscar em terreno novo.

O texto "Entre o não mais e o ainda não" dos autores González e Fensterseifer (2009) apresenta uma perspectiva interessante sobre a transição de valores na Educação Física. Anteriormente, essa disciplina era vista apenas como uma atividade física ou uma área curricular focada na aptidão física e esportiva. No

entanto, o cenário está mudando e a Educação Física está se desenvolvendo para incorporar outras práticas corporais com ênfase na reflexão e conceituação, não se limitando apenas ao saber fazer.

O título do texto "Entre o não mais e o ainda não" significa que a educação física se encontra "entre uma prática docente na qual não se acredita mais, e outra que ainda se tem dificuldades de pensar e desenvolver" (p.12). Essa dificuldade trazida no texto é também comentada pelas professoras durante as entrevistas, como visto até então.

Além do receio de lidar com um conteúdo que não faz parte do seu meio, as professoras contam que acreditam que seus colegas também não desenvolvem a dança pelo medo da forma que os alunos irão receber. Elas relatam que os professores trabalham tanto com o mesmo conteúdo que os próprios alunos se acomodam e querem sempre o mesmo, resultando na resistência dos alunos no momento em que é oferecido algo novo.

A professora Flora acredita que os alunos gostam de ter aula daquilo que já conhecem e que só vão gostar de ter aula sobre dança se o conteúdo se fizer presente cada vez mais, e essa presença depende do professor. Se o professor não trazer a dança e outros conteúdos além dos esportes de sempre, os alunos nunca terão contato com o novo.

Dentre as sete professoras entrevistadas, seis mencionaram que um dos motivos para os professores de Educação Física não trabalharem com dança nas aulas é a falta de contato com a prática. Por outro lado, a professora Esther apresentou um ponto de vista diferente. Ela disse:

"Acredito também que da mesma forma que existe esse preconceito dos alunos para trabalhar a dança, existe também da parte de alguns professores. O professor mais antigo do gênero masculino mostra uma dificuldade em desenvolver a dança muito por ser de uma geração que acredita que a dança é voltada para mulheres. Então, ele não se permite dançar e muito menos transmite esse conhecimento para os alunos, pelo preconceito já enraizado nele"

Se levarmos em consideração o que a professora Esther nos diz, o professor de Educação Física não adota a dança em suas aulas, não só por não saber do assunto, mas por carregar dentro de si o preconceito em relação à prática e a quem pertence esse universo.

A cultura desempenha um papel significativo na regulação dos espaços com base no gênero, e isso começa desde a infância, moldando as percepções sobre os corpos, suas características e os espaços que cada gênero deve ocupar. Essa divisão de espaços com base no gênero pode criar uma barreira para que os professores homens se sintam à vontade para trabalhar com a dança em suas aulas. Eles podem se sentir pressionados a evitar essa prática para não serem percebidos como menos masculinos ou para evitar questionamentos sobre sua identidade de gênero. Além disso, precisariam ensinar outros garotos sobre a dança, o que vai contra ao que a divisão de espaços baseados em gênero acredita.

Analisando então os relatos das professoras, é possível compreender que existem três grandes fatores que contribuem para o não desenvolvimento da dança nas aulas de Educação Física. São eles: a cultura escolar predominantemente esportivista, a falta de conhecimento e familiaridade sobre o conteúdo e o preconceito referente a gênero já internalizado em alguns professores, principalmente professores homens.

Superar esses desafios requer um esforço por parte dos professores e da própria instituição de ensino. Promover a formação contínua dos professores em relação à dança e outras temáticas além do convencional é essencial para que os docentes se sintam mais preparados para trabalhar com esses conteúdos. Além disso, é fundamental combater os estereótipos que envolvem gênero, discutindo sobre os preconceitos que partem dos alunos, professores e da sociedade como um todo.

4.2 Categoria 2: Estratégias utilizadas para se fazer presente a dança dentro da Educação Física escolar.

No tópico anterior, vimos alguns desafios que a dança enfrenta para conseguir se fazer presente no ambiente escolar. E quando pensamos em desafio, também consideramos possíveis soluções para contornar esses obstáculos. Neste tópico, iremos explorar algumas estratégias utilizadas como solução para trazer a dança cada vez mais para dentro do ambiente escolar, especialmente para as aulas de Educação Física.

4.2.1 Dançar sem falar sobre a dança

"O que os olhos não veem, o coração não sente" é um ditado popular que sugere que aquilo que não vemos ou não sabemos sobre não nos afeta emocionalmente.

Início este subtópico com essa frase pois é com esse ponto de vista de "não enxergar para não sentir" que as professoras nos relataram, durante as entrevistas, como introduzem a dança nas aulas de Educação Física.

Todas as professoras entrevistadas, sem exceção, comentaram que a melhor maneira que encontraram para introduzir a dança nas aulas de Educação Física foi realizá-la de forma gradual, sem mencionar explicitamente que o conteúdo seria sobre dança desde o início. Em vez disso, elas optam por inserir a dança aos poucos nas aulas, incorporando passos ritmados com música em pequenos momentos, como parte do aquecimento ou dentro de dinâmicas, até que todos ou a maioria dos alunos estivessem envolvidos e dançando, sem que percebessem imediatamente que estavam realizando uma atividade de dança.

De acordo com a professora Flora, isso acontece por conta do receio de que os alunos percam o interesse pela aula, por se tratar de uma aula onde o conteúdo é dança. Receio que existe por conta dos preconceitos e olhares negativos com relação à dança que os alunos demonstram, preconceitos esses já mencionados aqui no trabalho. Ela diz:

"Se eu chegar em sala de aula dizendo que a aula é sobre dança, eu perco os alunos, então acabo lidando com o tema com outras alternativas. Infelizmente não é fácil trazer os alunos quando mencionamos a dança logo de primeiro momento, devido a preconceitos ou simplesmente por não se permitirem tentar por nunca terem tido contato com a dança".

Então, como forma de evitar a pouca participação dos alunos na aula, a professora relata que vai aos poucos realizando desafios que precisam ser executados com algum movimento ligado à música, brincadeiras, dinâmicas de expressão corporal ou situações criadas que vão levando os alunos para o caminho da dança, sem de fato mencionar que o que estão fazendo faz parte desse universo.

A professora Marisol conta em sua entrevista que procura não deixar claro que o conteúdo a ser desenvolvido em determinado momento é a dança. Ela faz isso porque ao mencionar a prática da dança, automaticamente seus alunos já associam com performance e apresentação escolar, o que os leva a recusar a participação.

Ou seja, os alunos enxergam a dança com o sentimento de obrigação, focado em questões estéticas e de apresentação. Segundo ela, isso acontece devido à forma como a escola percebe e propaga a dança culturalmente pelos corredores, conforme também foi discutido no tópico anterior, referente aos desafios que a dança enfrenta no ambiente escolar.

A falta de conhecimento, exercendo a dança apenas em datas festivas, para celebrações ou outros fins, faz com que o ensino da dança esteja cada vez mais superficial (Carvalho, 2015 p. 13)

Essa superficialidade comentada por Carvalho (2015) desmotiva o aluno a querer saber mais sobre o conteúdo e enxergar a dança de outra maneira. E para evitar esse baixo envolvimento dos alunos, as professoras acabam tomando decisões como dar aula sobre o conteúdo de dança sem mencionar explicitamente que se trata de dança.

Sim, é possível realizar essa estratégia porque, para muitos alunos, o conteúdo de dança é apenas sobre criar ou fazer parte de uma coreografia e se eles não executam exatamente isso, na percepção deles, não estão dançando ou estudando sobre a prática. No entanto, como observado pelos autores Santos et al. (2009), Strazzacappa (2001) e Chagas (2008), a dança vai além do simples ato de executar passos. Ela envolve cultura, política, pesquisa, ritmo, percepção espacial, coordenação e todas essas dimensões podem ser desenvolvidas de diferentes maneiras, não se limitando apenas a copiar e executar passos coreografados. Os autores também acreditam que a dança é importante ser desenvolvida na escola e na Educação Física, pois proporciona benefícios não apenas físicos, mas também psíquicos. Além disso, ajuda a desenvolver a expressão corporal e a criatividade.

Assim como os autores, as professoras entrevistadas também acreditam na importância da dança na Educação Física. Na tentativa de trazer a dança para mais perto dos alunos, elas utilizam diferentes estratégias, como falar sobre a dança sem mencioná-la diretamente. No entanto, embora estratégia pareça funcionar na percepção das professoras, entende-se que adotar a dança como conteúdo sem mencioná-la acaba por limitar uma maior amplitude de possibilidades desse conteúdo. Por exemplo, não é possível explorar a cultura, a história e estilos específicos da dança sem mencionar explicitamente a dança no processo de aprendizagem. Portanto, não nomear o conteúdo pode funcionar para atrair os

alunos para as aulas, mas também pode limitar suas vivências e aprendizados relacionados à dança.

4.2.2 Dançando na realidade dos alunos

Além de não mencionar a dança no momento de introduzir o conteúdo em aula, as professoras também utilizam a estratégia de aproximar a dança da realidade de seus alunos, seja através de filmes, vídeos, plataformas digitais e/ou músicas conhecidas. Referências no geral que façam sentido para o aluno e, que por meio delas, ele consiga entender a dança e sua importância.

Por exemplo, uma forma que a professora Flora encontrou foi levar o videogame para dentro da educação física, tendo em mente que seus alunos gostavam de jogar. Ela utilizou, assim, uma ferramenta tecnológica próxima da realidade deles na tentativa de dar seguimento ao conteúdo da dança, minimizando a baixa participação dos alunos e tornando a dança presente nas aulas.

O jogo de videogame utilizado pela professora é o "Just Dance"², um jogo que permite aos alunos realizarem movimentações coreográficas que são exibidas na tela da televisão ou do computador. O jogo possui uma grande variedade de estilos musicais e, para a professora Flora, essa diversidade de estilos atrai a atenção e o interesse dos alunos.

Estes jogos possuem grande capacidade de entretenimento e diversão e também ao mesmo tempo incentivam o aprendizado das pessoas através de ambientes interativos e dinâmicos (HSIAO, 2007)

A professora entrevistada conta que ao fazer uso do jogo, e de outras ferramentas interativas, abre-se não só um leque de possibilidades para desenvolver o conteúdo da dança na Educação Física, mas também possibilita-se que os alunos vivenciem a dança de um jeito diferente, desmistificando a ideia negativa que possam ter sobre ela. Isso permite quebrar possíveis barreiras criadas por eles, influenciadas pela cultura que os rodeia.

Além de trazer o videogame para dentro da Educação Física, as professoras relataram nas entrevistas que outra forma de tornar a dança mais presente na vida

² Just Dance é uma série de jogos rítmicos desenvolvida e publicada pela Ubisoft. O jogo Just Dance original foi lançado no Wii em 2009 na América do Norte, Europa e Austrália. [Wikipédia](#)

dos alunos é ouvi-los. Elas escutam sobre as músicas que fazem parte de suas playlists e utilizam essas músicas nas atividades propostas. Também buscam saber mais sobre o que os alunos conhecem sobre a dança, seus estilos e interesses. Ou seja, procuram compreender a realidade dos alunos e utilizam essas informações para trabalhar a dança de forma mais significativa e envolvente para eles.

A professora Esther acredita que dar oportunidade aos alunos de mencionarem o que está presente no universo deles e aproveitar essas informações para trabalhar em sala de aula é uma forma de tornar o aluno protagonista, incentivando ainda mais a sua presença na aula e a sua contribuição para a dança. Como visto por Jacopucci (2021), essa ação de tornar o aluno protagonista do processo de aprendizagem “fortalece o sentimento de pertencimento desse aluno” (p.145).

Através dos relatos, é possível entender que quanto mais palpável e familiar for o conteúdo, mais fácil fica abordá-lo e mais fácil fica de aproximar o conteúdo dos alunos. Quando os professores trazem a dança para a realidade dos alunos, seja ouvindo-os e/ou utilizando jogos e atividades voltadas ao universo deles e fazendo conexões relevantes com a dança, os alunos têm maior identificação com o tema e desenvolvem um interesse e apreço pela prática, tornando a experiência de aprendizado mais enriquecedora e significativa para todos.

4.2.3 Os garotos não querem dançar e agora?

Através das leituras de diferentes autores até aqui e dos relatos trazidos pelas professoras entrevistadas, podemos afirmar que a cultura desempenha um papel significativo na baixa participação dos meninos nas aulas em que o conteúdo é dança, devido aos estereótipos criados em relação ao gênero e a quem a prática da dança é associada.

Tendo em vista essa questão, as professoras procuram, em suas aulas, não só estratégias para conquistar todos os alunos, mas também desenvolvem estratégias específicas para envolver os meninos. Uma das estratégias trazidas por todas as professoras entrevistadas, sem exceção, é a utilização de referências masculinas no meio da dança, seja de bailarinos homens ou de cantores e outras figuras famosas que dançam, como forma de mostrar que os meninos podem sim dançar e se enxergar nesse ambiente.

Além disso, outra alternativa, de acordo com as professoras Luara e Esther, de fazer com que os meninos reflitam sobre sua participação, é desenvolver junto com

a dança a questão de gênero, trazendo essa discussão para dentro das aulas. Um exemplo dessa prática é colocado pela professora Luara, que nos contou que passou a unir os dois temas (gênero e dança) quando se deparou com os preconceitos que surgiam dos alunos em geral. A partir disso, a professora começou a realizar trabalhos de pesquisa e discussões em sala, questionando os alunos sobre suas opiniões acerca do que pode ser considerado pertencente ao universo masculino e feminino e onde a dança se encaixa. Durante sua experiência de 9 anos dentro de sala de aula, ela conta que na maioria das vezes a resposta encontrada é que a dança é associada ao universo feminino.

Por conta disso, a professora relata que, através desses questionamentos e respostas, procura fazer com que os alunos reflitam sobre o que desencadeia esses pensamentos de que a dança é apenas para as meninas e o que os influencia a seguir por esse caminho. Trazendo para a aula a ação de refletir não só sobre a prática em si, mas também sobre a sociedade, a cultura, seus preconceitos em relação à dança e as rotulações dos corpos.

Falar de gênero na escola e na Educação Física não contribui apenas para a desconstrução de estereótipos. De acordo com Vieira (2020), trazer a pauta sobre gênero no ambiente escolar é utilizar esse grande espaço de aprendizado e socialização para refletir e discutir sobre um tema que "contribui diretamente para o respeito e para o fim das desigualdades entre homens e mulheres" (p. 04).

Unir essa pauta junto com a dança na educação física só confirma o que já foi mencionado neste trabalho e citado por alguns autores: que desenvolver o tema da dança não é apenas sobre dançar. E através dessas reflexões, os meninos podem mudar suas percepções sobre a prática e até passarem a ver a dança como um lugar que também pertence a eles.

5. Considerações Finais

A pesquisa revela que desenvolver a dança na Educação Física requer um esforço significativo, devido a fatores como a desvalorização da dança como conteúdo pedagógico, a predominância dos esportes, o conhecimento limitado dos professores, o receio de sair da zona de conforto e os preconceitos relacionados ao gênero.

Por conta disso, são necessários investimentos para que a dança consiga ter seu espaço na escola e na Educação Física. É essencial proporcionar aos professores de Educação Física uma formação continuada específica sobre a temática da dança, para que tenham uma base sólida sobre o assunto e possam desenvolver o conteúdo de forma mais efetiva em suas aulas. Além disso, é importante abrir espaço para discussões de gênero dentro do ambiente escolar.

Para efetivar a presença da dança na Educação Física, é necessário um esforço conjunto: investimentos envolvendo não só diferentes estratégias pedagógicas, mas também uma formação adequada dos professores. Da mesma forma é importante que haja a tentativa de tornar a escola um lugar onde a dança seja vista como uma prática relevante e enriquecedora para o desenvolvimento dos alunos, livre de estereótipos e preconceitos referentes ao gênero.

Por fim, essa pesquisa não apenas demonstra os desafios pedagógicos para a integração da dança nas escolas, também faz parte de um esforço para provocar mais reflexões sobre o tema. Ela mostra que a dança, como conteúdo pedagógico da Educação Física, possui grandes potencialidades e que vale a pena para o professor investir na ação de tornar a dança cada vez mais presente na escola e na vida dos alunos.

6. REFERÊNCIAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. *Conjectura*, [S. l.], p. 107-118, jan/abr. 2010.

CARVALHO, Esrom Matheus Silva. A DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR. Orientador: Arthur José Medeiros de Almeida. 2015. TCC (Licenciado em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília, [S. l.], 2015.

CORTEZE, Frederico Correa. GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE DANÇA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PERSPECTIVA DE PROFESSORES LGBT+. Orientador: Prof.^a. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha. 2018. TCC (Licenciado em dança) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2018.

CRUZ, Edsandra Dutra; COFFANI, M.C Rodrigues silva. DIFICULDADES E DESAFIOS PARA O ENSINO DE DANÇA, NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, NO ENSINO FUNDAMENTAL II. Kinesis, [S. l.], p. 88-102, jan/jun. 2015.

ESPINDOLA, Ageniana. O GÊNERO DANÇANTE: DESVELANDO SIGNIFICADOS DA DANÇA. Orientador: Luciana Fiamoncini. 2017. TCC (Licenciada em Educação Física) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [S. l.], 2017.

FALSARELLA, Andrea Pedroni; AMORIM, Danielle Bernardes. A IMPORTÂNCIA DA DANÇA NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, [S. l.], p. 306-317, jul. 2008.

FEITOSA, Roberta Pereira; PINTO, Celeida Belchior Garcia Cintra. O ensino da dança e a relação de gênero na educação básica. Universitas: Ciências da Saúde, [S. l.], p. 57-65, jan/jun. 2017.

GARIBA, Chames Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. Movimento, [S. l.], p. 155-171, mai/ago. 2007.

GOMES, Douglas Barros. GÊNERO E SEXUALIDADE NA DANÇA: UMA REFLEXÃO EDUCACIONAL. [S. l.], p. 8-24, 2021.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. Manual de Pesquisa Qualitativa. [S. l.]: Grupo Anima Educação, 2014.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando nas saídas do não-lugar da EF escolar I. Cadernos de formação RBCE, v. 1, n. 1, 2009

JACOPUCCI, Fabiana Warhath. Experiência maker no processo de ensino aprendizagem. Orientador: Profa.Dra. Adriana Barroso de Azevedo. 2021. Dissertação de mestrado (Mestre em educação) - UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, [S. l.], 2021.

KOCH, Rodrigo; ANDREOLI, Giuliano Souza; CASTRO, Gabriela. Conflitos de gênero no recreio escolar: Um estudo na escola Antônio Francisco da Costa Lisboa. DIÁLOGO, [S. l.], p. 31-60, ago. 2016.

LIMA, Camila Goulart. GÊNERO, BRINQUEDO E BRINCAR: POSSÍVEIS RELAÇÕES NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS. Orientador: Prof.^a Dra. Tânia Ramos Fortuna. 2017. TCC (Licenciada em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, [S. I.], p. 201-218, dez. 2007.

MARANI, Vitor Hugo. Subversões pedagógicas e produção de alianças na Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [S. I.], p. 1-7, out. 2022.

MARQUES, I. A. Dançando na escola. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007

MEDEIROS, Tiago Nunes e colaboradores. O esporte no currículo da educação física escolar: um estudo de revisão bibliográfica nos periódicos da CAPES. *Corpoconsciência*, v. 22, n. 02, p. 73-84, mai./ ago., 2018

MELO, Maria Maisa Mourão. A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Orientador: Professora Mestre Regiane Ávila. 2012. Monografia (Licenciada em Educação Física) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, [S. I.], 2012.

SOUZA, Paulo Henrique Pinheiro. Meninos não dançam: uma questão de gênero. Orientador: Prof.^a Ms. Gláucia Melasso Garcia de Carvalho. 2016. Tcc (A Licenciatura em Dança) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Campus Brasília, [S. I.], 2016.

SOUZA, Taísa Madiã. A DANÇA NOS EMBALOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Orientador: Eloísa de Souza Borkenhagen Bohre. 2018. Tcc (Licenciada em Educação Física) - UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL -UNIJUÍ, [S. I.], 2018.

VIEIRA, Igor Gabriel Borges. Gênero e educação escolar: um debate necessário. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 46, 1 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/46/genero-e-educacao-escolar-um-debate-necessario>

APÊNDICE A- Perguntas direcionada aos professores

Nome:

Tempo de docência:

Tematiza dança nas aulas de Educação física?

Na sua opinião, a dança em comparação com outros conteúdos trabalhados dentro da educação física, tem o mesmo espaço nas aulas de Educação Física?

1) **Como você prepara suas aulas** de dança nas aulas de Educação Física, pensando que pode encontrar resistência dos alunos na hora de participar?

2) **Como você se prepara** para dar sua aula tendo como tema principal a dança?

3) Na sua opinião, o que leva os alunos, tanto meninas, como meninos, a mostrarem menos interesse nas aulas de dança em comparação a outros esportes?

4) Na sua experiência enquanto professora, as meninas são mais participativas em comparação aos meninos nas aulas de dança? Se sim, quais estratégias pedagógicas você utiliza para lidar com essa falta de interesse dos meninos?

5) Refletindo sobre suas aulas de dança dentro do ambiente escolar, qual foi o maior desafio que você enfrentou em relação às questões de gênero para conseguir desenvolver a prática? Como lidou com este desafio?

6) Na sua opinião, o que leva a dança ser pouco desenvolvida pelos professores nas aulas de Educação Física?

7) A partir da tua experiência, se tu tivesse que aconselhar uma professora de Educação Física recém formada, que cuidados são necessários ao planejar uma aula tendo como tema central a dança?

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Dançando entre desafios e estratégias pedagógicas: os investimentos de professoras de Educação Física ao tematizarem a dança nas escolas.**”, realizada por Franciele Carvalho da Silva, aluna do curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que está realizando seu trabalho de Conclusão de Curso orientada pelo Professor Dr. André Luiz Santos Silva, docente na ESEFID/UFRGS.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e anônima e você possui total liberdade de se recusar a participar ou de desistir no momento em que decidir. É importante também ressaltar que sua colaboração será de grande valor para contribuir com o desenvolvimento deste trabalho e que todos os dados fornecidos serão utilizados unicamente para fins acadêmicos.

Essa pesquisa será realizada por meio de uma entrevista semiestruturada e tem como objetivo entender que estratégias pedagógicas são utilizadas pelos professores de Educação Física para trabalharem com dança em suas aulas e verificar possíveis desafios que possam surgir ao tratarem desse tema.

Desde já, agradeço a sua atenção e participação. Caso acredite ser necessário entrar em contato para eventuais dúvidas ou informações, a aluna se coloca a

disposição através do email carvalhofcs00@gmail.com ou pelo telefone (51) 996755530.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após a leitura do TCLE, eu _____ entendi os objetivos desta pesquisa, a forma que será conduzida e concordo em participar.

Data: ___/___/___

(Assinatura do participante)

(Assinatura do aluno)